

A União Europeia em crise

(Tradução da Carta semanal nº 618 do POSI – Secção espanhola da IVª Internacional – de 13 de Março de 2017)

A 23 de Junho de 2016, o referendo sobre a saída do Reino Unido da União Europeia saldou-se pela vitória inapelável dos partidários do *Brexit*. Essa vitória amalgamou o voto popular contra a política da UE – rejeição dos cortes sociais e laborais aplicados em nome da “Europa” – com o voto de uma parte dos círculos dirigentes do imperialismo britânico, que manifestava assim a sua vontade de se separar da UE, cuja economia se afunda sem parar, para reorientar a actividade da City (a Bolsa de Londres) para Wall Street e a Ásia, a fim de salvar a sua posição de primeira praça financeira mundial.

Um atrás de outro, cada país desafia as directivas da UE sobre emigração. A Espanha não cumpre os limites do défice, sem que nada lhe aconteça (ao contrário, todos os anos obtém um novo adiamento do prazo), a Itália decide um resgate à Banca sem que ninguém abra o bico em Bruxelas... O que resta dessa União Europeia que, até há bem pouco tempo, nos diziam que impunha a política a todos os governos?

Cinco soluções à escolha

O presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, apresentou há uns dias, para surpresa geral, um *Livro Branco sobre o futuro da Europa*, de apenas 30 páginas, em que estão esboçados cinco possíveis cenários bem distintos para o futuro da União Europeia. Nesse Livro Branco, a Comissão encara várias opções até 2025. Não esqueçamos que este Livro foi publicado no mesmo momento em que se vai cumprir a promessa da Primeira-ministra britânica, Theresa May, de que este mês activará o Artigo 50º dos Tratados da UE para iniciar a saída do Reino Unido da UE – o *Brexit*.

O diário *El Mundo* dizia, a propósito da apresentação do Livro, que “*Pela primeira vez a União partiu-se e os 27 países que ficam devem tomar uma decisão de peso: o que fazer agora?*”, e acrescentava que está assim consignado, “*com a assinatura do guardião dos Tratados, que existem vários cenários perfeitamente possíveis nos quais a UE se atrasa, se contrai e renuncia aos históricos avanços conseguidos em mais de seis décadas de projecto comum*”.

O simples facto de serem apresentados cinco cenários distintos demonstra a desorientação que reina nos círculos dirigentes da UE (*El Mundo* explica que “*Juncker não pode posicionar-se abertamente, porque os seus inimigos esmagariam a proposta imediatamente, qualquer que ela fosse*”). De facto, os cenários propostos no Livro não podem ser mais diversos. Vão desde haver apenas um mercado único, a uma proposta federal. A

página na Internet da União Europeia define-os assim: 1: Continuar como está; 2: Só o mercado único; 3: Os que desejam fazer mais coisas, podem fazê-las; 4: Fazer menos coisas, mas de forma mais eficiente; e 5: Fazer muito mais coisas conjuntamente (*El Mundo* define-o como “*o sonho federal*”, enquanto o *El País* fala de “*uma federação de Estados Unidos da Europa, o que – em tempos de recuo para as fronteiras nacionais – muito poucos querem*”).

Vale a pena ver as considerações que são feitas por alguns órgãos da Comunicação social – todos eles defensores da União Europeia – sobre as diferentes propostas. De novo, o mais explícito é o *El Mundo*, que diz que “*actualmente a Europa está dividida, fragmentada e em disputa interna. Não há consenso para onde avançar nem a que ritmo, e a Comissão e as capitais dos diferentes países brigam por cada detalhe, procurando aumentar o seu poder e prerrogativas. A Europa deixou de ser a solução e passou a ser parte do problema. É evidente que podemos continuar sem fazer mudanças, mas o que ninguém sabe é até quando. Se tudo se irá resolver, ou se tudo poderá ir pelos ares.*”

A Comissão quer abrir “um debate pan-europeu” sobre este assunto, e anuncia a reunião de uma série de comissões de trabalho sobre diversos aspectos e questões. Mas, os tempos não parecem muito favoráveis para este debate, que deveria ser lançado a partir da Cimeira Europeia, anunciada para 25 de Março. Como diz o Centro de Política Europeia – um “instituto de estudos” presidido por Herman Van Rompuy, “Presidente Emérito do Conselho Europeu” – “*antes de Novembro ou Dezembro deste ano, não poderá ser decidido nada de importante, por causa das eleições em França e na Alemanha*”. Nestas duas semanas há eleições na Holanda. Na Primavera, Presidenciais numa França abalada. No Outono, na Alemanha. E, possivelmente, no Verão, em Itália. Sem pôr de lado que o desacordo no Orçamento, a crise da Catalunha ou a do PSOE precipitem também eleições gerais no Estado espanhol.

Mas, subjacente a tudo isto, há um factor fundamental: a crise dos EUA. Note-se que os alicerces da UE e dos seus antecedentes sempre dependeram dos EUA. Quando Obama menosprezou a UE, e Trump, às vezes, põe em causa a sua existência, isto tem repercussões não somente nos países do Leste ou na Espanha do PP (designados, há alguns anos, como a “nova Europa”) mas também nas fundações de todos e de cada um dos imperialismos europeus. E o abalo centra-se em dois temas-chave: as finanças e os exércitos.

Desde que a UE aceitou a ingerência directa e aberta do FMI, este desestabiliza-a a cada passo. Por outro lado, as políticas económicas dos EUA e dos países europeus são muito divergentes. Acrescentemos que o Governo norte-americano pretende dinamitar as normas bancárias internacionais. Tudo isto desmantela a UE e cada um dos seus membros.

No respeitante à política militar, a pressão crescente de Obama – e agora de Trump – para que os países europeus aumentem os seus gastos militares, que desestabiliza económica e socialmente os Estados da Europa, levou a que nesta mesma semana a Comissão Europeia proponha uma viragem de 180º, dando prioridade política e económica à militarização.

Assim estão a ser dinamitadas todas as bases da UE e de cada um dos seus Estados-membros.

Uma Europa a várias velocidades?

Imediatamente depois da publicação do Livro Branco, o Presidente de França, François Hollande – que está de saída – convidou os líderes da Alemanha, da Itália e da Espanha para um jantar no Palácio de Versalhes.

1. O *El País* relatou esse jantar dizendo que “os líderes da Alemanha, França, Itália e Espanha procuram fórmulas para evitar a desintegração do bloco”. E acrescentava que “Hollande, a Chanceler Angela Merkel, o Primeiro-ministro Paolo Gentiloni e o Presidente Mariano Rajoy quiseram enviar uma mensagem de unidade”.

2. Qual foi essa “mensagem”? Esse mesmo periódico explica: “O núcleo duro da UE aposta numa Europa a várias velocidades (...). Os países que queiram avançar mais rapidamente que os restantes, num determinado campo, poderão unir-se e avançar sem que os que estão reticentes os travem”.

No final da reunião, Hollande declarou que “a unidade não é a uniformidade. Proponho novas formas de cooperação ou novos projectos – aquilo a que chamamos cooperações diferenciadas – que permitam a alguns países poderem andar mais rapidamente (...) sem que outros fiquem afastados nem possam opor-se”. Com pequenas variações, Merkel, Gentiloni e Rajoy subscreveram esta mensagem.

Ora bem, como explicava o *El País*, “em qua terrenos poderão entender-se os países que quiserem avançar mais rapidamente é uma incógnita”. O diário adiantava, como possíveis campos, citando os dirigentes reunidos em Versalhes, “a Europa da defesa (...), a união económica e monetária, a política de imigração, a protecção das fronteiras e o combate ao terrorismo”.

Mas notemos que, dos quatro reunidos em Versalhes, três estão em situação precária: Hollande abandonará o Eliseu dentro de três meses; Merkel tem eleições legislativas em Setembro, e não está claro se poderá revalidar o seu mandato como Chanceler; e, em Itália – ainda que a actual legislatura só termine em Fevereiro de 2018 – poucos apostam que ela consiga manter-se depois do final deste ano. E o mais “estável”, Rajoy, não tem maioria parlamentar e acaba de ver-

se obrigado a retirar o decreto sobre o sector da estiva, perante a falta de apoios que permitiriam aprová-lo.

Além disso, assim que foi tornada pública a proposta, surgiram as primeiras objecções. A Primeira-ministra da Polónia, Beata Szydlo, afirmou que “nunca aceitaremos a diferença de velocidades, pois ela abriria a porta a construir clubes de elites e a dividir a UE”. Há governos de outros países do Leste europeu que parecem ter a mesma opinião, dizendo que o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, estaria a tentar traçar “uma nova linha divisória, uma nova cortina de ferro entre o Leste e o Oeste”.

A crise aberta na União Europeia, fruto da rejeição dos povos às políticas propostas por Bruxelas e que são aplicadas pelos diferentes governos, qualquer que sejam a sua cor política, não parece ter solução. Qualquer saída que é proposta abre novos problemas. É uma prova de que não estamos perante a crise de uma ou outra forma governamental da dominação imperialista, mas sim perante a crise de todas as formas de dominação da burguesia.

Para o governo de Rajoy – cuja debilidade em casa o leva a procurar apoios no exterior – a situação de debilidade e de crise da UE não é nenhuma boa notícia.

Qual é o interesse dos trabalhadores?

Há uma evidência: para sectores crescentes do capital financeiro, a UE, os seus tratados e directivas converteram-se quase num obstáculo para a livre exploração. Só lhes serve porque a sua política está orientada contra a classe operária, as suas conquistas sociais e a democracia. Mas o capital financeiro necessita de acabar com tudo. Por isso, concentra esta tarefa nos governos, que são os únicos capazes de tentar aplicar a política de que o capital financeiro necessita.

Nenhum trabalhador, nenhum jovem sem emprego, nenhum camponês ou desempregado irá chorar pela queda do chamado sonho europeu. A guerra existente – que não é apenas comercial – entre as diferentes multinacionais, entre os diversos sectores da burguesia, representados por governos que têm como linha comum a guerra contra as conquistas operárias, deve ser aproveitada pelos trabalhadores e as suas organizações para abrir a via ao combate comum pelos direitos arrancados ao capital na luta de classes em cada país, na via do derrube de todos os governos ao serviço do capital financeiro e do desmantelamento das instituições parasitárias de Bruxelas. Nesta luta comum serão tecidos os laços de solidariedade e de acção em comum, na via da União Livre de nações e povos da Europa emancipados da exploração capitalista e da opressão nacional.

É neste combate que se colca a necessidade da independência das nossas organizações, e, em particular, dos sindicatos. Independência não somente em relação aos governos e ao Patronato, mas também, em especial, às instituições anti-operárias da União Europeia. Para o movimento operário é uma questão vital separar-se deste cadáver em decomposição.

Partido Operário de Unidade Socialista - POUS

Página na Internet: <http://www.pous4.pt.vu> • E-mail: pous4@sapo.pt • Morada: Rua de Santo António da Glória, nº 52 B, cave C, 1250 – 217 Lisboa